ADRIANE HELLER NADOLNY

INTERESSE DOS EDUCANDOS: UM DESAFIO DO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.ª Helga Loos

CURITIBA

2007

RESUMO

O interesse é um fator de grande importância para o desenvolvimento dos indivíduos, estando relacionado à curiosidade, à motivação e à capacidade na realização de uma atividade. Tendo em vista a queixa generalizada por parte dos professores de que os estudantes estão perdendo o interesse nas atividades escolares, o objetivo deste trabalho foi investigar as percepções de 67 estudantes do Ensino Fundamental de 6ª a 8ª séries, que freqüentam uma escola pública da Rede Estadual de Ensino da cidade de Curitiba/PR, acerca do interesse que apresentam pelas atividades escolares. A metodologia empregada na pesquisa de campo foi a aplicação de questionário semi-aberto, com o intuito de explorar questões relacionadas ao interesse pelas atividades escolares destes estudantes, tais como: se as atividades desenvolvidas pela escola despertam o seu interesse, se existe um desencontro entre o mundo dos adolescentes e o da escola (visto que é na fase da adolescência que se encontram os participantes), se a relação afetiva entre professor e aluno está atrelada ao interesse, se quando se percebe capaz diante de uma atividade seu interesse aumenta e se a disciplina em classe está ligada ao interesse às atividades apresentadas. Os resultados obtidos apontam que a maioria dos estudantes percebe que as atividades escolares despertam o seu interesse, não parecendo haver, no grupo pesquisado, um desencontro tão grande entre o mundo adolescente e o da escola, como sugerido por alguns autores. A escola tende a ser vista como um espaço acolhedor, onde se pode conviver entre amigos. Os estudantes estabelecem uma forte ligação entre a boa relação entre educadores e educandos e o interesse pelos conteúdos ministrados, bem como entre o interesse pelas atividades realizadas e a disciplina em classe. Afirmam ainda que a sensação de controle e a percepção de capacidade diante de uma tarefa aumentam o interesse por ela, conforme predito por alguns autores. Para grande parte dos estudantes a escola é vista de maneira positiva, como um espaço onde é possível adquirir conhecimento, a fim de que se possa ter um bom futuro, aliado a um bom emprego.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....1

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....4
2.1. O interesse: seu papel no desenvolvimento dos indivíduos.....4
2.2. O planejamento escolar e o interesse.....7
2.3. O interesse e a fase da adolescência.....10
2.4. O interesse e realidade escola / sociedade.....12
2.5. A Afetividade e as relações de interesse.....17
2.6. A disciplina escolar o interesse.....20

3. METODOLOGIA.....24
3.1. Participantes da pesquisa.....24
3.2. Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....24

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....26

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40

REFERÊNCIAS.....44

ANEXO.....48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos participantes da pesquisa divididos por séries.....24

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 1.....26

Gráfico 2 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 1.....26

Gráfico 3 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 2 28

Gráfico 4 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 2 28

Gráfico 5 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 3.....29

Gráfico 6 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 3.....29

Gráfico 7 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 4.....30

Gráfico 8 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 5.....31

Gráfico 9 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 5.....31

Gráfico 10 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 6.....32

Gráfico 11 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 7.....33

Gráfico 12 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 7.....33

Gráfico 13 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 8.....34

Gráfico 14 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 8.....34

Gráfico 15 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 9.....35

Gráfico 16 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 9.....35

Gráfico 17 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 10.....36

Gráfico 18 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 10.....36

Gráfico 19 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 11.....37

Gráfico 20 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 11.....37

Gráfico 21 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 12.....38

Gráfico 22 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 12.....38

Gráfico 23 - Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 13.....39

Gráfico 24 - Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 13.....39

1. INTRODUÇÃO

A vivência na realidade da escola pública da rede estadual de ensino em Curitiba remete-nos a refletir sobre se os estudantes do Ensino Fundamental de 6ª a 8ª séries estão perdendo o interesse nas atividades escolares.

Atualmente, no meio escolar, os educadores encontram dificuldades em ensinar os conteúdos de suas disciplinas a estes educandos, pois os mesmos, segundo a opinião de vários professores, não se interessam em aprender. Professores reportam-se também ao fato de que o diálogo entre os professores e os alunos, quando estes tentam lhes mostrar a importância dos estudos, tem estado cada vez mais complicado. O que chama a atenção é que esta não é uma situação isolada, pois parece estar ocorrendo com muita intensidade e em diversos contextos.

Segundo Silvia (2005), o interesse é um aspecto importante para o desenvolvimento dos indivíduos, estando ligado à curiosidade, à motivação e à atenção que se destina a uma determinada atividade, bem como mobiliza no sujeito esforço e capacidade para realizá-la. Assim, o interesse funciona como um elemento energético que possibilita a ação, contribuindo, em grande medida, para aumentar o nível de engajamento e o bom desempenho de qualquer individuo nas situações que se lhe apresentam na vida, entre elas, aquelas vivenciadas no contexto acadêmico.

Nesse sentido, por meio de um questionário aplicado a um grupo de alunos de 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, procurou-se explorar sua percepção quanto às atividades que a escola desenvolve, se estas lhes despertam o interesse e se há um desencontro entre o mundo dos adolescentes e o da escola. Buscou-se também investigar se, de acordo com a sua concepção, a qualidade da relação estabelecida entre professores e alunos contribui para o interesse nas atividades escolares.

Sabe-se que o planejamento é uma importante ferramenta do trabalho pedagógico. Conforme Libâneo (2001), na elaboração de seus planejamentos os educadores precisam prestar atenção aos elementos que tenham significado, que despertem a motivação e o interessem os educandos, respeitando a realidade de cada escola, em um processo de construção reflexiva e transformadora. A abertura à cultura dos adolescentes pode ser uma possibilidade no trabalho pedagógico, sem que se deixe de trabalhar com a cultura elaborada, como destaca Snyders (1998). Nesse sentido, trabalha-se com o interesse relacionado à fase da adolescência, pois este é o período do desenvolvimento humano em que se encontram os estudantes em questão. De acordo com Piaget e Inhelder (1999), a adolescência é uma fase de muita inconstância e de formação da personalidade. Esta fase também é assinalada por uma série de transformações (físicas, psíquicas, sociais e culturais) e pela descoberta de novos caminhos.

O decorrer do desenvolvimento adolescente é marcado pela vivência no âmbito social (família, trabalho) e escolar, por isso é importante que os estudantes se assumam como seres sociais e históricos, pensantes, criadores e transformadores, como afirma Freire (1996). A escola pertence a uma vasta realidade e, desta forma, considerar o aluno como um sujeito é essencial, como lembram Corti, Freitas e Sposito (2001).

O desenvolvimento humano liga-se às dimensões afetivas e cognitivas. A afetividade no contexto escolar está relacionada às dimensões psicológicas que interferem nos processos de aprendizagem, tanto no plano intra-individual como no inter-individual, o que abarca, entre outros fatores, o acolhimento do aluno e a sua socialização. Para Souza, M.T. (2003), as razões ligadas à afetividade impulsionam o indivíduo a interagir com a realidade. Supõe-se, assim, que um bom relacionamento entre professores e alunos pode contribuir para o sucesso do aprendizado.

Para Zacharias (2006), o processo educativo exige que cada sujeito tenha domínio de si mesmo para se ajustar às exigências do meio escolar. Dessa forma, a disciplina faz parte do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a auto-regulação

adequada dos estudantes, a qual permite que os estudantes apresentem comportamentos desejáveis durante os processos educativos, pode ser amplamente facilitada através da apresentação de uma atividade interessante que, segundo Mello (2002), possibilita o bom andamento do fazer escolar, permitindo a concentração do estudante em sua realização.

PROBLEMA DE PESQUISA

Os estudantes do Ensino Fundamental de 6ª a 8ª séries estão perdendo o interesse nas atividades escolares?

OBJETIVOS DA PESQUISA

- Averiguar se, de acordo com as concepções dos estudantes, as atividades desenvolvidas pela escola lhes despertam o interesse;
- Investigar se, conforme as percepções dos educandos, há um desencontro entre o mundo dos adolescentes e o da escola;
- Verificar se a relação afetiva entre professor e aluno está atrelada ao interesse.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O interesse: seu papel no desenvolvimento dos indivíduos

Ouve-se constantemente da comunidade escolar que os educandos não têm motivação para estudar, são desinteressados, são acomodados, apáticos, sem responsabilidade, sem perspectiva de futuro. Paralelamente a essas considerações dos professores, os alunos perguntam: estudar por que?

Essa interrogação, como aponta Nagel (2005), está relacionada à aspiração pessoal de cada sujeito, que concebe a escola como um local onde é possível adquirir algo para o uso próprio, já que cada um busca a realização dos seus interesses particulares.

Segundo Silvia (2005), o interesse é um fator relevante para o desenvolvimento dos sujeitos e enquanto afeto está ligado ao aspecto da curiosidade, da motivação, que leva o indivíduo a buscar adquirir informações para a ampliação do conhecimento e de habilidades. O interesse relaciona-se à atenção aplicada a uma determinada atividade, destinando-se tempo e esforço para realizá-la. A avaliação cognitiva anterior a um evento, que ocorre de modo muito rápido e muitas vezes inconsciente, influencia o modo como o sujeito irá reagir emocionalmente a ele. Essa primeira avaliação em um dado evento permite reconhecer o seu "grau de novidade" (o quanto um evento é inesperado, desconhecido ou familiar ao indivíduo). Uma segunda avaliação envolve a reflexão sobre a capacidade pessoal para lidar com o evento em questão, bem como a importância do evento para conquistar um determinado objetivo e, ainda, as atribuições de causalidade e responsabilidade relacionadas a ele. Nesse sentido, o interesse que uma certa atividade pode despertar em um individuo não está ligado apenas às

características da atividade em si, mas à maneira como essas características interatuam com as do sujeito e ao seu modo individual de atuação.

Em seu trabalho, Silvia (2005) descreve que o grau de novidade ou de complexidade percebido em relação ao evento não é a única fonte de informações que afeta o interesse, mas também a percepção que o sujeito possui sobre suas possibilidades de sucesso ao lidar com uma determinada situação. O controle de uma situação irá depender da estimativa que o individuo faz dos recursos pessoais que possui, entre eles, poder, habilidade, competência e capacidade de esforço, que o informam se é possível lidar com o evento de maneira bem sucedida ou se a probabilidade maior é a de fracasso. O individuo pode demonstrar interesse se avaliar que é capaz de representar a situação de forma coerente e de mobilizar recursos para enfrentá-la.

Mas em que se baseia essa avaliação? Como as pessoas decidem se são ou não capazes de enfrentar as situações com as quais se defrontam? As pessoas possuem um conjunto de crenças sobre si mesmas, que expressam as concepções e a representação de si próprios, construídas ao longo de suas interações com o mundo. Nesse sentido, o auto-conceito pode ser considerado uma organização de uma série de concepções de si mesmo. De acordo com Loos (2003), o auto-conceito representa o que cada indivíduo reconhece sobre si através da experiência, da reflexão e do *feedback* do meio social, refletindo a visão que têm de si mesmos. A auto-estima é atrelada ao auto-conceito, possuindo um caráter mais emocional e avaliativo, ou seja, expressa a aprovação ou a desaprovação dos conteúdos que o indivíduo percebe em si mesmo. A auto-estima é o juízo pessoal de valor demonstrado nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo. O auto-conceito e a auto-estima são bases para a representação social que o sujeito tem de si próprio; são características individuais, que se moldam nas relações cotidianas, sendo decisivas na relação do individuo consigo mesmo e com os outros. Um outro grupo de crenças que cada indivíduo possui e que completa o grupo das crenças auto-referenciadas é o das crenças de controle ou de auto-eficácia (também chamada de auto-confiança), que diz respeito à percepção que um sujeito possui acerca de suas possibilidades de controlar as situações e seu próprio

comportamento. Dessa forma, o desempenho escolar dos alunos é também influenciado por aquilo que eles acreditam que podem conseguir.

O interesse vai evoluindo de acordo com a passagem dos estágios de vida. Essa evolução ocorre numa seqüência específica, como da infância para a adolescência, por exemplo. Nesse contexto, as necessidades do indivíduo vão sofrendo modificações e os interesses se tornam diferenciados de um estágio para o outro.

Nassif e Campos (2005), em uma explanação acerca do interesse na teoria de Claparède, salientam que o autor considera-o como possuidor de um especial valor de ação. O interesse possui um papel intermediário entre as necessidades do sujeito e as características do ambiente. Dessa forma, os objetos que têm importância para o indivíduo e que estão atrelados a uma necessidade suscitam energia, ou seja, se torna interessante o que satisfaz a necessidade do indivíduo no momento. Respondendo a uma necessidade, o interesse definirá a ação tomada em um determinado momento ("lei do interesse momentâneo"). Na fase da adolescência, os interesses estão ligados, sobretudo, ao despertar da consciência social e da personalidade.

De acordo com Perrenoud (1999), nenhuma intervenção que for externa opera se não for percebida, interpretada e assimilada por um indivíduo. Ao aprendizado estão relacionados os motivos pelos quais o sujeito quer aprender e a intencionalidade da ação educativa. Ao fator de interesse relacionam-se as metas de realização e a motivação como resultado da fixação de metas. Cada meta traçada pelo sujeito representa um núcleo de pensamento que agrupa o modo como percebe a situação vivenciada e processa as informações adquiridas. Dessa forma, é possível explicar os comportamentos, a direção e a intensidade do esforço empregado em uma determinada atividade. De acordo com Boruchovitch e Guimarães (2004), na escola os educandos podem buscar ou adotar uma diversidade de metas, que podem ser compatíveis ou contrárias à aprendizagem e ao desempenho escolar. Entre elas, existem metas como fazer amigos, adquirir popularidade, obter conhecimentos, aprofundar a aprendizagem, se mostrar capaz perante os outros ou, ainda, ocultar

fragilidades ou a ausência de habilidade em um dado domínio. Muitas vezes o foco de interesse pode não se encontrar vinculado às atividades escolares propriamente ditas.

No processo de ensino-aprendizagem é preciso relacionar, sempre que possível, o conhecimento às experiências que os educandos já possuem, estabelecendo um canal de comunicação com os alunos, uma vez que "[...] *os alunos precisam ter clareza dos objetivos e das finalidades das tarefas. Para isso, o professor precisa explicar a importância da matéria, ligá-la com os conhecimentos anteriores, mostrar a importância do saber para a vida prática* [...]" (LIBÂNEO, 1994, p.112), visto que a escola se apresenta como um espaço público intermediário de relações de interesse para os adolescentes (família e sociedade).

Como afirma Wadsworth (1997), é muito importante legitimar e utilizar de modo produtivo os interesses dos alunos na educação, visto que tais interesses são, do ponto de vista afetivo, fontes carregadas de motivação, possibilitando o desenvolvimento pessoal.

2.2. O planejamento escolar e o interesse

O planejamento é, para Libâneo (2001), uma atividade essencial no trabalho pedagógico, pois é a partir dele que o educador pode refletir sobre as suas ações e buscar informações que possam identificar as dificuldades existentes, as causas que as originaram, optando por um caminho, um rumo para o trabalho pedagógico.

O Ensino Fundamental, segundo a LDB 9394/96, deve ter como objetivo o desenvolvimento da capacidade do aluno aprender baseado no domínio completo da leitura, escrita e o cálculo, onde possa compreender o ambiente natural, social, político, tecnológico, artístico e de valores, desenvolvendo a capacidade de aprendizado para adquirir conhecimentos e habilidades, como também a formação de atitudes e valores e o fortalecimento de laços de solidariedade.

De acordo com Libâneo (2001), um planejamento deve envolver a sociedade, a cultura, a política, a realidade da escola e dos alunos que nela estudam. É importante que os educadores, na constituição de seus planejamentos, estejam atentos aos elementos significativos, motivadores, funcionais, prevendo momentos de trabalho em grupo para o diálogo e a definição de metas, envolvendo os diversos sujeitos da instituição (educadores, funcionários, educandos, pais, comunidade), já que a construção efetiva do conhecimento se dá de maneira reflexiva, ativa, crítica, transformadora e não de forma estanque, mas passível de mudanças durante a caminhada educativa.

Uma discussão reflexiva que tenha como finalidade traçar os objetivos a serem seguidos requer hábitos de ouvir, falar e questionar promovendo um pensar criterioso e criativo em seu processo de aprofundamento, visando a qualidade do trabalho a ser realizado.

A diversidade presente no ambiente escolar precisa ser levada em conta durante a elaboração de um planejamento, a fim de que se efetive sua intencionalidade de participação e criticidade, levando em conta o contexto sócio-político.

Ao iniciar a elaboração de um planejamento, organiza-se o que se tem a intenção de fazer, de realizar. No decorrer do trabalho busca-se atingir as metas delineadas, indo além de um simples agrupamento de planos, interagindo com o ambiente. O planejamento é um meio pelo qual as funções educativas, em um processo contínuo de conhecimento, são organizadas e se realiza o diagnóstico das situações vivenciadas pelo educador no decorrer de suas atividades. Sem um planejamento a gestão do educador fica solta, e a conjuntura e as ações não são refletidas e definidas, e os resultados deixam de ser avaliados, já que se não forem projetadas, as atividades ocorrem ao acaso.

O ser humano é dotado da capacidade de planejar suas atividades e, nas instituições educativas, essa aptidão possibilita que o trabalho pedagógico tome rumos significativos, direcionando o ensino aos alunos de modo a transmitir-lhes o conhecimento sistematizado, acumulado ao longo do processo histórico e cultural da

humanidade. Assim, as atividades devem ser devidamente articuladas e contextualizadas aos interesses dos estudantes, despertando as necessidades intelectuais e morais: "[...] *embora raramente os desejos dos alunos e os objetivos curriculares se mesclem, professores autônomos e criativos podem encontrar meios de permitir aos estudantes perseguir seus interesses e alcançar também os objetivos escolares* (WADSWORTH, 1997, p.172)".

O planejamento procura contemplar atividades onde o estudante do Ensino Fundamental tenha capacidade de expandir seus conhecimentos sobre a concepção de mundo e, principalmente, ter condições de questionar a realidade em que está inserido, buscando soluções para possíveis problemas. Nesse contexto, o processo de transmissão-assimilação de conhecimentos se dará de forma ampla, onde docentes e discentes serão sujeitos atuantes em uma dada realidade histórica, visando transformá-la. Tomando-se as palavras de Freire:

> É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (1996, p.134).

Não é uma tarefa fácil articular, elaborar, construir um planejamento, implementando-o e aperfeiçoando-o sempre que necessário, mas não é impossível desde que haja comprometimento, força de vontade, dedicação, responsabilidade. Em razão da necessidade e das expectativas pela melhoria da atividade educativa "[...] *o professor prepara-se teoricamente nos temas pedagógicos e nos conteúdos para poder realizar a reflexão sobre a sua prática* [...]" (LIBÂNEO, 2001, p.66). Cada educador tem uma maneira de se organizar, se expressar, delimitar seus objetivos e expectativas no

ato de planejar presente no trabalho educativo; as formas de fazê-lo correspondem a cada sujeito e/ou sujeitos que o realizam e ao meio sócio-cultural e escolar.

É importante, conforme Corti, Freitas e Sposito (2001), que os planejamentos contemplem os interesses dos adolescentes da comunidade, respeitando suas características e valorizando a vivência do estudante.

2.3. O interesse e a fase da adolescência

A adolescência (palavra que deriva do latim *adolescere*, que significa brotar, fazer-se grande) compreende uma das etapas do desenvolvimento humano, marcando a transição da infância para a vida adulta. Essa fase se caracteriza por mudanças físicas, psíquicas, sociais e culturais, num período de vida que varia entre os 10 e os 20 anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) estabelece a faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Segundo Piaget e Inhelder (1999), na adolescência o indivíduo consegue libertar-se do concreto e situar o real em um meio de transformações possíveis, objetivando grandes ideais. É nesta fase que ocorrem modificações de valores, de posturas, de atitudes, e os choques entre gerações.

A adolescência é um período de grande inconstância, de compreensão da construção dos mecanismos formais do pensamento, perpassando a formação da personalidade. Nesta fase há dificuldades para a inserção no mundo dos adultos, bem como se toma consciência que o outro existe. As emoções passam a se tornar idéias, dirigindo o pensamento para o abstrato, para o meio social, acarretando grandes manifestações da emoção.

Sudbrack (2004) refere-se à adolescência como um período de grandes transformações internas e externas que envolvem o adolescente em si e o contexto

onde está inserido. Por isso, pode-se considerar essa etapa como um ciclo de vida familiar, onde todos os membros da família mudam juntos. O adolescente passa por transformações consigo mesmo e em suas relações familiares.

O período da adolescência comumente introduz alterações nas atitudes, nos interesses e nas reações emocionais. Os problemas de ordem emocional podem afetar de maneira profunda o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, pois muitas vezes ocasionam desordens extremas de comportamento, o que pode comprometer a capacidade intelectual do sujeito, como aponta Porfírio (2004). Quando o jovem se depara com a exigência de responsabilidades e dificuldades para fazer suas escolhas, tendem a surgir uma série de mecanismos de defesa inconscientes. Buscar sua própria identidade, em meio à crise em que vive, é um dos problemas que o adolescente precisa enfrentar, desafiando, nesse percurso, autoridades e regras como um caminho para se estabelecer como sujeito. No processo de identificação, o indivíduo toma para si qualidades ou idéias de outros (pessoas que se destacam na área de seu interesse).

Conforme Sudbrack (2004), o grande desafio na escolarização do adolescente está relacionado à desmotivação em relação aos estudos, pois nessa idade o mundo que se revela para ele apresenta muitas outras opções interessantes, que nem sempre são compatíveis com os estudos em sua maneira convencional; a convivência com os pares é um exemplo disso.

Nesta fase da vida novas operações são processadas para fazer valer um discurso além do paterno, ou seja, operações que permitem a entrada e o reconhecimento do jovem como pertencente a um grupo social. Segundo Snyders (1988), os jovens possuem uma cultura de grupo, depositando suas grandes expectativas na convivência entre os companheiros, procurando a compreensão entre indivíduos iguais. Nesse meio não são julgados por um adulto e há troca de experiências. Cada um demonstra o que realmente é encontrando no grupo segurança para proclamar os direitos da juventude.

Os adolescentes reagem de maneira diferente diante das adversidades e necessidades adaptativas, não lidando de forma igual com as tensões da vida. Nessas

fases de provação afetiva e emocional surgem as características da personalidade de cada um, as fragilidades e dificuldades adaptativas.

Ballone (2003) destaca que essa fase não é assinalada somente por dificuldades, crises, angústias, conflitos. Quando se deixa a infância para entrar no mundo adulto, ocorrem acréscimos no rendimento psíquico. O intelecto demonstra maior eficiência, com elaborações complexas e rápidas, há um aumento de atenção quando o adolescente se concentra e seleciona informações que lhe interessam. Conseqüentemente a memória apresenta maior capacidade de retenção e a linguagem fica mais completa e complexa, com a ampliação do vocabulário. Para Sudbrack (2004), todas essas competências representam um potencial imenso a ser canalizado pela família (sociedade) e pela instituição escolar. É fundamental que o adolescente seja estimulado a ter uma visão crítica da realidade, com a presença de desafios intelectuais e que, através das reflexões e debates, ele se entusiasme a descobrir novos caminhos que possibilitem o seu crescimento pessoal.

2.4. O interesse e a realidade escola / sociedade

Como a situação econômica e social do país encontra-se em crise, o estudo e a aquisição de conhecimentos pode tornar-se uma incógnita para os estudantes, visto que o número de desempregados cresce quantitativamente a cada dia e muitas das famílias dos alunos encontram-se numa situação alarmante.

A escola hoje não está conseguindo desenvolver um projeto educativo que venha ao encontro das necessidades desses estudantes, mas sim, como afirma Souza, R.M (2003), está operando na "regulação da organização". Esta regulação envolve regras e normas existentes por meio das quais os educandos acabam assumindo um "comportamento de adaptação", no qual eles identificam vantagens e desvantagens, estabelecendo uma relação essencialmente instrumental com a instituição escolar. Esta

passa, muitas vezes, a ser considerada uma "emissora de certificados" - estuda-se somente para passar de ano, desconsiderando-se o conhecimento adquirido na escola. A mera e simples aquisição de informação está ocupando um lugar mais importante do que a formação.

Corti, Freitas e Sposito (2001) comentam que a realidade da escola, com seus conhecimentos, regras e maneiras de proceder, e o mundo dos adolescentes e jovens, com suas respectivas experiências e interesses, apresentam um grande distanciamento. Isso porque na instituição escolar os alunos devem aprender o que está proposto no currículo, não se levando em conta, muitas vezes, que são sujeitos que também têm experiências fora da realidade escolar. A rotina apressada da escola em cumprir os conteúdos previstos, como também o despreparo dos educadores para se aproximarem dos educandos, impedem que haja uma maior interação entre ambos, impossibilitando, assim, momentos de discussão e reflexão, em que se considere os saberes que os alunos possuem, seus anseios, angústias, prazeres, descobertas.

Estamos numa era em que o conhecimento propaga-se facilmente, mas a maioria de nossas escolas não está formando pensadores. A instituição escolar, para alguns autores, já não é considerada um espaço que os adolescentes tenham prazer de freqüentar. A mídia, o computador envolve estes meninos e meninas com estímulos rápidos e prontos, fazendo com que eles "[...] *conheçam cada vez mais o mundo em que estão, mas quase nada sobre o mundo que são*" (CURY, 2003, p.15). Com o passar do tempo, se perde o prazer nos pequenos estímulos da rotina do dia-a-dia.

É importante deixar claro que não se trata da escola apenas ensinar o que estes alunos gostariam de aprender, desconsiderando o saber sistematizado, mas é preciso que os conteúdos sejam inovados, já que "[...] *toda escola define-se pelos conteúdos que seleciona, propõe, privilegia* [...]" (SNYDERS, 1988, p.11), articulando o conhecimento dos educandos com o que é ensinado na escola, sem que se torne tudo fácil ou difícil demais. "*A escola é o local onde se apresenta aos jovens, a todos os jovens um tipo de poesia, modos de raciocínio rigoroso que eles não tinham atingido até então*" (SNYDERS, 1988, p. 211). Dessa forma, torna-se importante que os alunos

encontrem na escola um ambiente que lhes seja satisfatório, mas que, ao mesmo tempo, possibilite o avanço do conhecimento, o acesso ao saber elaborado, já que ela é um espaço de trabalho intelectual, que deve estar associado ao real.

O processo de ensino-aprendizagem é extenso, apresentando, conseqüentemente, progressos em longo prazo, exigindo dos adolescentes e jovens muita paciência, dedicação, empenho para vencer as dificuldades que surgem no decorrer dos anos escolares. Na escola aprende-se a viver e a trabalhar em conjunto, conhecendo pessoas, socializando-se. Nesse processo, o educador é muito importante, pois irá orientar, intervir para que o aluno obtenha sucesso, fazendo com que os discentes ultrapassem suas vidas cotidianas, sem que haja desvalorização ou desaprovação das mesmas. Assim, espera-se que "[...] *sem renunciar completamente à cultura elaborada, eles estejam abertos para a cultura dos jovens, que reconheçam o valor de seus gostos e seus modos de vida*" (SNYDERS, 1988, p.217), como também se encontrem abertos ao diálogo, à troca de experiência, sem haver autoritarismo.

No entanto, segundo Luckesi (2002), o que se observa muitas vezes é que a avaliação da aprendizagem escolar é praticada de forma autoritária, independentemente do processo de ensino-aprendizagem ocorrido e da relação professor-aluno, desconsiderando-se o que foi ensinado e o que foi aprendido. As avaliações são homogêneas, não levando em consideração a individualidade de cada sujeito, baseadas fortemente na memorização e não em acompanhar o desenvolvimento do aluno, diagnosticando as suas dificuldades e progressos. Em vários momentos do dia-a-dia escolar a avaliação como aplicação de notas é considerada um artifício para que o professor consiga envolver os alunos nas atividades escolares.

Numa perspectiva práxica, de acordo com Vasconcelos (1995), a comunidade escolar precisa refletir de forma global sobre a sua prática ao direcionar as suas ações educacionais, como também ter claro que todo ato educativo possui intencionalidade e conseqüências, que são de curto e de longo prazo. O ser humano, nesta concepção, é um ser social ativo, criativo, que interage em sua relação com o conhecimento e não

apenas o "incorpora". O processo teoria e prática está interligado à sociedade, à cultura, ao aluno, às políticas públicas, à gestão, ao currículo, à escola, à avaliação e não apenas à visão única do professor, que ao entrar em sala de aula esquece do ser humano que é em sua relação social – relação professor / aluno – deixando de lado o seu compromisso com a formação humana. É necessário tomar cuidado para não desvincular a ação da intenção, buscando na educação um caráter formativo, emancipador e transformador.

Nesse sentido, a conscientização de todos os envolvidos no processo educativo torna-se importante, para que práticas discriminatórias, humilhantes, desrespeitosas, deixem de existir no interior das escolas, visto que os sujeitos que passam por essas situações ficam marcados profundamente. O respeito é um elemento fundamental da prática educativa, procurando-se que os alunos compartilhem com os professores de momentos valiosos para o enriquecimento do conhecimento.

É importante que a escola esteja preparada para responder aos anseios dos adolescentes e jovens no presente, como assegura Souza, R.M (2003), sem transpô-los para mais tarde, amanhã, depositando no passar dos anos escolares as respostas, que muitas vezes não aparecem. A reflexão surge a partir de um assunto determinado, não sendo possível fazê-la de outra forma, no vazio. Devem-se utilizar os questionamentos dos alunos para ensinar os conteúdos, desenvolvendo sempre o espírito crítico, sem fechar os olhos para os acontecimentos do momento (novelas, moda, músicas, filmes...). Cada vez que a escola deixa de expressar a sua voz, os estudantes buscam em outros lugares vozes que ressoem de forma mais forte.

A preocupação com a continuidade precisa ser constante, havendo síntese e reconstituição do passado, e não a simplificação na transmissão de conteúdos, reduzindo as aulas a perguntas e respostas mecânicas, fragmentando-se o conhecimento escolar. Convivemos com a adaptabilidade num mundo em constante mutação, com a velocidade das imagens, e "[...] *parece haver cada vez menos lugar para o raciocínio lógico e matemático, a expressão lingüística, a argumentação, o pensamento abstrato, a reflexão e a crítica*" (SOUZA, R.M, 2003, p.21).

Os adolescentes e jovens buscam aprender, mas esse aprendizado está atrelado ao fazer. O conhecimento está intimamente ligado à prática, muitas vezes realizada fora da instituição escolar, o que neste caso pode se caracterizar pelo ambiente de trabalho. No trabalho é possível aprender concretamente, alargar o círculo social e cultural inicialmente composto pela família, pelos colegas do bairro e da escola e adquirir responsabilidade, amadurecer, bem como é do trabalho que muitos adquirem recursos para auxiliarem na sua subsistência. Nesse contexto, como relata Souza, R.M (2003), a instituição escolar não deve mais corresponder às expectativas do mercado de trabalho de acordo com moldes tradicionais: disciplinar a mão-de-obra, respeitando-se a hierarquia, horários e regras, incorporando os valores do trabalho, perpetuando uma cultura através da formação e socialização das novas gerações, mas deve formar estudantes capazes de atuar de maneira crítica em sociedade.

Necessário se faz, então, que os alunos se sintam importantes na escola, participando de algumas decisões (avaliação da escola, elaboração de eventos...), fazendo escolhas, escolhas estas que implicam em perdas e ganhos, propondo mudanças, decidindo sobre o rumo das coisas, uma vez que muitos de nossos adolescentes e jovens são determinados, criativos, empreendedores. Dessa forma a escola estará colaborando para a qualificação desses meninos e meninas, que irão à busca de seus objetivos procurando concretizá-los dentro e fora dos muros da instituição escolar.

Os educadores, independente de sua especialidade, precisam trabalhar de forma que os alunos se conscientizem que são donos de seus pensamentos e emoções, podendo gerenciá-los, se tornando capazes de resolver, além dos problemas de matemática, os que surgem em suas próprias vidas. "*Já é tempo de produzirmos autores e não vítimas da própria história*" (CURY, 2003, p.150). Devemos levar os adolescentes e jovens a sonhar, a acreditar na vida, valorizando-os, extrapolando o ensino específico dos conteúdos programáticos, uma vez que

> [...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar [...] (FREIRE, 1996, p.46).

A prática educativa exige muito de todos os envolvidos e, por isso, o comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem é essencial, considerando que no dia-a-dia escolar trabalhamos com adolescentes e jovens que possuem uma vida além da escola, que constroem práticas e interagem com o mundo, como lembram Corti, Freitas e Sposito (2001). A instituição escolar faz parte de uma realidade ampla, não podendo, dessa forma, fechar os olhos para o que acontece ao seu redor, acreditando que dentro dos seus muros apenas a reprodução dos conteúdos sistematizados é que tem importância, sem considerar o aluno como sujeito do processo.

2.5. A afetividade e as relações de interesse

O acolhimento intelectual do indivíduo e a sua socialização pressupõem o trabalho com a afetividade. Pode-se dizer que a afetividade funciona como um combustível, determinando o desejo pelo aprendizado. Arantes (2002), em seu trabalho, escreve que, de acordo com Piaget, a afetividade desempenha um papel funcional na inteligência, atuando como impulso para o agir, fornecendo a energia necessária para as funções cognitivas, conferindo um valor às atividades desenvolvidas e regulando a energia dispensada a elas. Assim sendo, em termos de afetividade as atuações do sujeito frente ao mundo não se limitam apenas às emoções e aos sentimentos, mas possuem um sentido que o motivam (tendências e vontade), visto que

as estruturas mentais não funcionam sem a afetividade (assim como o motor não funciona sem o combustível).

As razões de ordem afetiva impulsionam o individuo a interagir com a realidade, na construção do conhecimento. Desta forma, os aspectos do mundo afetivo definem a importância do trabalho intelectual. O desenvolvimento psicológico está atrelado às dimensões afetiva e cognitiva, embora a natureza da inteligência e da afetividade sejam diferentes. Para Piaget,

> [...] não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva;
>
> a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o;
>
> a afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas (SOUZA, M.T, 2003, p.57).

Rey (2000), apoiado nas contribuições de Vigotski, aponta que o afeto, construído através das categorias de necessidades e emoções, como também a partir dos sentimentos, é um aspecto que constitui o sistema psíquico, dentro do qual os processos afetivos e cognitivos não funcionam de modo isolado, sendo momentos de um sistema complexo do desenvolvimento da personalidade e da consciência.

A afetividade está ligada ao valor atribuído às coisas na vida, a tudo aquilo externo a nós (os fatos e os acontecimentos), como também aquilo que está dentro de nós (as necessidades, os medos, os conflitos, os anseios). A afetividade também valoriza os fatos e acontecimentos passados e as perspectivas futuras.

Na adolescência há um processo contínuo do desenvolvimento da afetividade:

> [...] o melhor exemplo que podemos nos referir para entender a afetividade, nesse período, é compará-la aos óculos através dos quais é visto o mundo. São esses óculos que hipoteticamente fazem enxergar a realidade desse ou daquele jeito. Se esses óculos não estiverem certos o adolescente poderá enxergar as coisas maiores ou menores do que são, mais coloridas ou mais cinzentas, mais distorcidas ou fora de foco. Tratar de afetividade significa regular os óculos através dos quais se vê o mundo; isto não é só particularidade da fase de adolescência, enfim, contempla a todos, embora em uns se acentue mais do que em outros (PORFIRIO, 2004, p.3).

Porfírio, em seu trabalho, cita Lima (2000), que acredita que as desregulações de caráter afetivo podem comprometer o funcionamento da atividade cognitiva, como também as motivações afetivas podem auxiliar o bom desenvolvimento da atividade intelectual. A afetividade abarca também os sentimentos de amor, ciúme, raiva..., e aprender a lidar com essas emoções vai possibilitar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada. Dessa forma, é necessário que se estabeleçam limites (fronteiras até onde se pode ir ou não em um dado momento) para a formação de um sujeito emocionalmente equilibrado. Além de ser uma repercussão afetiva interna, a emoção é também uma ligação entre as pessoas, um meio pelo qual a interação social é regulada. A família tem a função de colaborar para que o sujeito se torne socialmente bem ajustado e tenha uma vida equilibrada.

Para Sudbrack (2004), a introjeção das normas sociais só se tona possível através de uma relação afetiva positiva com as figuras de autoridade, vivenciada desde a infância. Na adolescência esse processo atinge seu auge quando o sujeito precisa ampliar suas referências dos valores da família para os da sociedade, de modo a se reconhecer inserido em uma determinada cultura. Nesse momento, é muito importante a presença de referências positivas de autoridade, para a construção da autonomia do sujeito.

Conforme Vasconcelos (2004), na educação é muito comum a existência de um aporte teórico que leva os educadores a dividirem o estudante em uma metade cognitiva e a outra afetiva, considerando o pensamento como algo desprovido de sentimentos. Acredita-se que somente o pensamento leva o individuo a atitudes

racionais e inteligentes (pensamento cientifico e lógico-matemático). Os sentimentos não conduzem ao conhecimento, podendo ocasionar atitudes não-racionais. Os estabelecimentos de ensino, em geral, primam pela ênfase na razão, levando em consideração tudo o que se relaciona de forma direta com o lado intelectual. Entretanto, "[...] *nós também temos necessidade de um desenvolvimento afetivo para atingirmos o conhecimento* [...]" (SNYDERS, 1988, p.54).

Na escola é visível a dificuldade em trabalhar de forma adequada com um ser em formação, pois essa tarefa exige dos educadores capacidade de lidar com os conflitos ocasionados pelos impulsos dos adolescentes em relação as suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais vividas a cada momento. Cabe ao educador uma constate reflexão sobre sua prática pedagógica, conscientizando-se de que

> O afeto do professor, a sua sensibilidade e a maneira de se comunicar vão influenciar no modo de agir dos alunos. Sua maneira de ser, atuar e falar é muito significativa. O professor pode ser frio, distante, desinteressado ou pode ser alegre, amável e se interessar pessoal e individualmente pelos alunos (PORFIRIO, 2004, p.5).

A aproximação entre professores e alunos é um dos fatores importantes para o despertar do interesse nas atividades escolares, uma vez que a boa comunicação afetiva pode contribuir para o desenvolvimento dos mecanismos envolvidos nos processo de ensino-aprendizagem.

2.6. A disciplina escolar e o interesse

Souza, R.M (2003) escreve em seu livro que, atualmente, os padrões tradicionais estão rompidos e o poder disciplinar está em crise. Convivemos com uma crise de

autoridade na contemporaneidade, e os sujeitos sentem medo de se responsabilizarem pelo curso das coisas, não distinguindo claramente o que é certo e o que é errado, qual direção a ser seguida, tornando extremamente difícil o ato de educar. Na escola nos deparamos com um grande problema disciplinar, que pode estar acompanhado da repetição e da monotonia do sistema tradicional de ensino. Os educandos se sentem incompreendidos, muitas vezes não são ouvidos pela escola, mas muito cobrados, o que os leva a desacreditarem na instituição. Os adolescentes e jovens respondem com abnegação à perda de autoridade da escola, e esta se encontra desestruturada, não conseguindo se tornar um ponto forte de referência, com ideais pelos quais se deva ou não lutar. Muitos acabam se afastando da escola, pois esta não responde às suas expectativas, e outros tantos se adaptando, se ajustando, pois ambos se julgam impotentes para modificarem a realidade do ambiente escolar.

Segundo Prata (2005), as regras transmitidas nas relações entre docentes e discentes se modificam com o passar do tempo, mas o que muitas vezes se observa é que o professor insiste em um diagnóstico do aluno a partir do modelo disciplinar em que foi sujeitado. Para os estudantes muitas vezes o educador parece desatualizado em relação às informações tecnológicas que eles obtém de maneira muito rápida, como também no tocante à postura disciplinar. Há um desencontro entre gerações distintas num processo de transformação social que engloba a escola e seus agentes. Nesse sentido, a escola não consegue administrar as novas formas da existência social concreta, demonstrada nas modificações do perfil da clientela.

A disciplina precisa ser considerada como o domínio que cada aluno deve ter de si mesmo para ajustar seu comportamento às exigências do trabalho e da convivência escolar, e não como uma mera aplicação de castigos e sanções aos estudantes que modificam o desenvolvimento das atividades escolares com uma postura negativa. Para Zacharias (2006), a disciplina é um hábito interno, que possibilita a cada sujeito cumprir com suas obrigações, ter domínio de si mesmo, atuando livremente de forma a superar os condicionamentos internos e externos do seu cotidiano. A normas no estabelecimento escolar precisam ser coerentes com o processo educativo, formuladas de forma clara, conhecidas e aceitas por todos, tendo o seu cumprimento exigido. Os

estudantes estão em processo de formação, por isso é necessário o estabelecimento de um sistema de estímulos que contribuam para o desenvolvimento da responsabilidade, muito mais do que somente punir. Um ambiente educacional cordial leva em consideração a estima, o respeito e a afetividade no relacionamento entre educadores e educandos.

Na instituição escolar nem sempre o prazer está relacionado à realização das atividades propostas, o que pode ocasionar a indisciplina, como afirma Atalaia (2002). Ao prazer está ligado o esforço que se despende para realizar a tarefa. Sem interesse e prazer, este esforço, na maior parte das vezes, não é mobilizado. Não se trata de realizar apenas atividades que agradam o sujeito, mas que possuam significado e constituam um caminho para a elaboração de novas idéias e conhecimentos.

O objetivo principal da escola deve ser a re-apropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber (disciplinas), de acordo com Aquino (1998). Nesse contexto o docente não é um mero difusor de informações, mas um sujeito que atua, sendo um dos responsáveis pela ação educativa, ensinando o que as informações querem dizer, para que o aluno possa compreender o significado das informações que tem acesso nos diversos meios de comunicação. O ponto de partida em sala de aula é a informação, mas o objetivo é chegar ao conhecimento, transformando o pensamento do estudante.

A curiosidade marca fortemente a adolescência, assim como a imaginação, que é muito importante par que os jovens possam descobrir o mundo inatingível que os rodeia. "*A sala de aula, portanto, é o lugar onde o pensamento deve se debruçar por alguns instantes sobre algumas indagações basais da vida, aquelas corporificadas pelas questões impostas pelos diferentes campos do conhecimento e seus múltiplos objetos*" (AQUINO, 1998, p.198). A disciplina escolar é um dos produtos do trabalho realizado no dia-a-dia da sala de aula. Dessa forma, é importante indagar se

> temos nos posicionado como aqueles que guiam essa "viagem" do aluno rumo ao desconhecido, ou, ao contrário, temos tomado o trabalho de sala de aula como algo maçante e previsível? Temos visto em nosso aluno a possibilidade de um futuro ex-forasteiro no mundo, alguém mais complexo e menos afoito do que antes, ou, ao contrário, como alguém despossuído ou não habilitado integralmente para essa possibilidade? Temos tomado nosso ofício como uma linha de montagem ou como um ateliê de uma modalidade singular de arte - aquela de forjar cidadãos? (AQUINO, 1998, p.198).

Segundo Mello (2002), o individuo mergulha com o corpo, mente e emoções na tarefa que realiza quando o resultado a ser alcançado no final da tarefa responde ao motivo que leva o sujeito a agir. Quando ele se interessa pelo resultado, seu envolvimento passa a ser profundo. A atividade se constitui quando passa a ter sentido para quem a realiza, quando o interessa. Quando não há um sentido que oriente o aluno naquilo que realiza, sua concentração no fazer escolar se inviabiliza, e os comportamentos considerados como indisciplina têm espaço aberto – e, conseqüentemente, professores e alunos não se entendem.

3. METODOLOGIA

3.1. Participantes da pesquisa

Responderam ao questionário proposto 67 alunos de 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental que freqüentam uma escola pública da Rede Estadual de Ensino na cidade de Curitiba/PR, com idade entre 10 a 14 anos, distribuídos da seguinte forma:

Série	Nº de alunos
6ª	22
7ª	26
8ª	19
	Total de alunos: 67

Tabela 1: Distribuição dos participantes da pesquisa divididos por séries.
(O número reduzido de alunos por turma justifica-se pelo final do ano letivo na escola).

3.2. Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

O questionário semi-aberto foi aplicado aos estudantes no mês de novembro de 2006, com o intuito de obter informações sobre o interesse dos estudantes nas atividades escolares (ver Anexo 1).

A aplicação do questionário impresso se deu de forma coletiva, em sala de aula. Durante a aplicação foi pedido que o professor não permanecesse em classe para que

os alunos se sentissem mais à vontade para responderem às questões. A aplicação durou, em média, 20 minutos em cada sala.

Ao entregar o material, foi solicitado aos alunos que respondessem com bastante calma às perguntas, procurando justificar as respostas, tendo sido enfatizado que se houvesse qualquer dúvida a pesquisadora estaria à disposição para eventuais esclarecimentos.

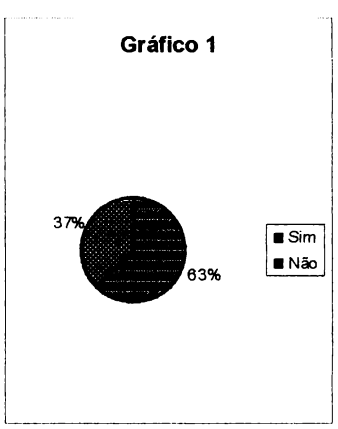
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário foi composto por 13 questões, sendo que a maioria delas compreende uma pergunta direta, em que o aluno deveria dar uma resposta objetiva (assinalar na resposta "sim" ou "não"), como também uma parte aberta, onde teria espaço para justificar a sua resposta.

As respostas abertas foram organizadas por categorias, sendo que o percentual apresentado em cada categoria, nesse caso, se refere ao número de respostas obtidas para essa questão, excluindo-se os alunos que deixaram de justificar a resposta.

Os resultados obtidos na presente amostra serão apresentadas nos gráficos a seguir, seguidos de sua respectiva análise:

Questão 1 - A escola é atrativa para você? Por que?



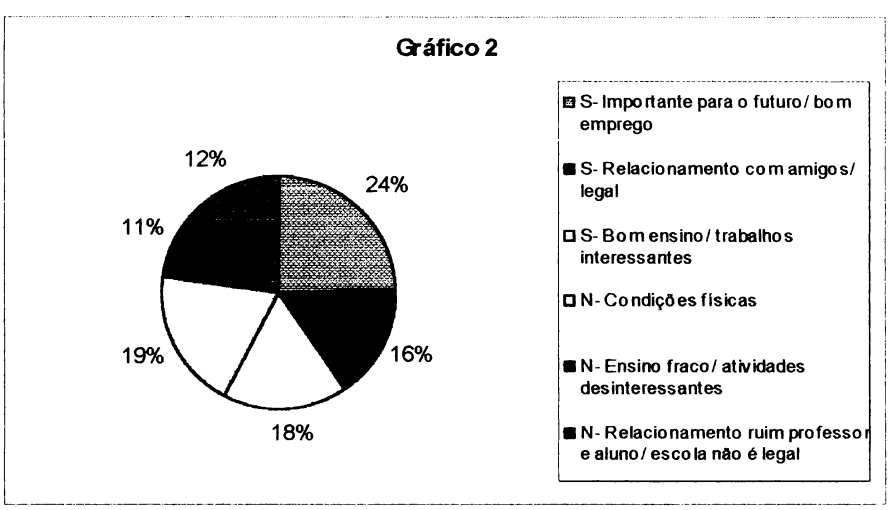


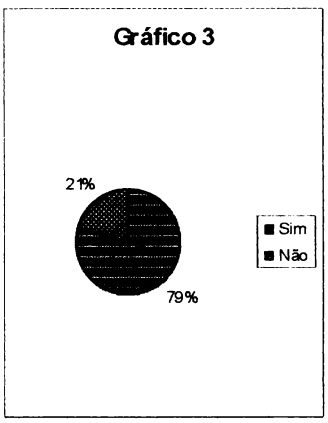
Gráfico 1: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 1.

Gráfico 2: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 1.

As respostas positivas obtiveram maior número (63%), o que equivale a 42 alunos. Dentre elas, 14 alunos (24%) acreditam que a escola é atrativa porque é "um espaço onde se aprende muitas coisas importantes para o futuro", possibilitando a entrada e o sucesso no mercado de trabalho. Souza R.M (2003) lembra que muitos alunos utilizam o que aprendem na escola no ambiente de trabalho. Já 09 alunos (16%) consideram a escola atrativa por ser um bom espaço para o relacionamento com os amigos, "porque é um lugar legal, com um ambiente descontraído". A esse respeito, Boruchovitch e Guimarães (2004) escrevem que o interesse do aluno na escola pode estar voltado para a convivência entre os amigos. Outros 10 alunos (18%) são atraídos pelo "bom ensino da escola", pelos "professores que explicam bem", desenvolvendo "trabalhos interessantes". Conforme Libâneo (2001), cabe ao professor, na elaboração de seu planejamento, contemplar temas e atividades que motivem estudantes.

Dentre as respostas negativas (37%), o que corresponde a 25 alunos, 11 alunos (19%) consideram que a escola não é atrativa devido às condições físicas: vandalismo, sujeira, má conservação do prédio. O "ensino fraco" e as "atividades desinteressantes" são apontados como motivo para 06 alunos (11%). Nesse caso, como afirma Libâneo (2001), as atividades escolares não são articuladas aos interesses dos discentes. O mau relacionamento com os professores torna a escola um ambiente que "não é legal de freqüentar", como explicam 07 alunos (12%). PORFÍRIO (2004) acredita que a aproximação entre professores e alunos contribui para o despertar do interesse nas atividades escolares.

Questão 2 - O conhecimento adquirido na escola tem ligação com a sua realidade? Por que?



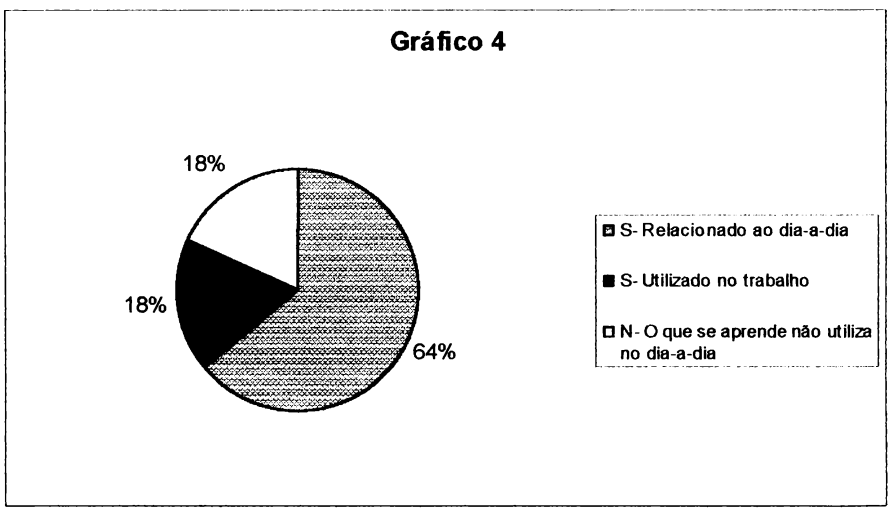


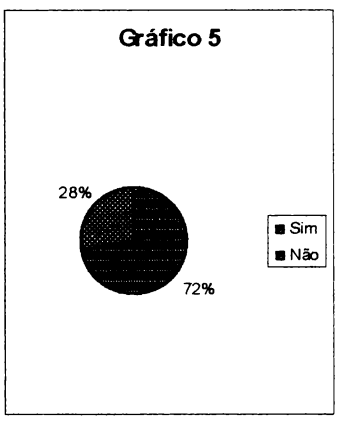
Gráfico 3: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 2.

Gráfico 4: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 2.

A maioria dos alunos (79%), o que totaliza 53 estudantes, acredita que o conhecimento da escola está relacionado à sua realidade. 25 (64%) destes alunos relatam utilizar o conhecimento adquirido na escola em atividades diárias, em casa com a família e na sociedade. 07 alunos (18%) responderam que o conhecimento é útil no mercado de trabalho. A afirmação de Souza, R.M, (2003), de que os estudantes não consideram o conhecimento adquirido na escola e que estudam somente para passar de ano, parece não se aplicar nessa situação.

Dos alunos que responderam negativamente (21%), o equivalente a 14 alunos, 07 dizem não fazer uso do que aprendem na escola em seu dia-a-dia, condizendo com as idéias de Corti, Freitas e Sposito (2001), de que o conhecimento da escola está distante da realidade fora dela, o que parece acontecer na perspectiva destes estudantes.

Questão 3 - A escola trabalha com temas atuais, relacionados ao seu interesse? Por que?



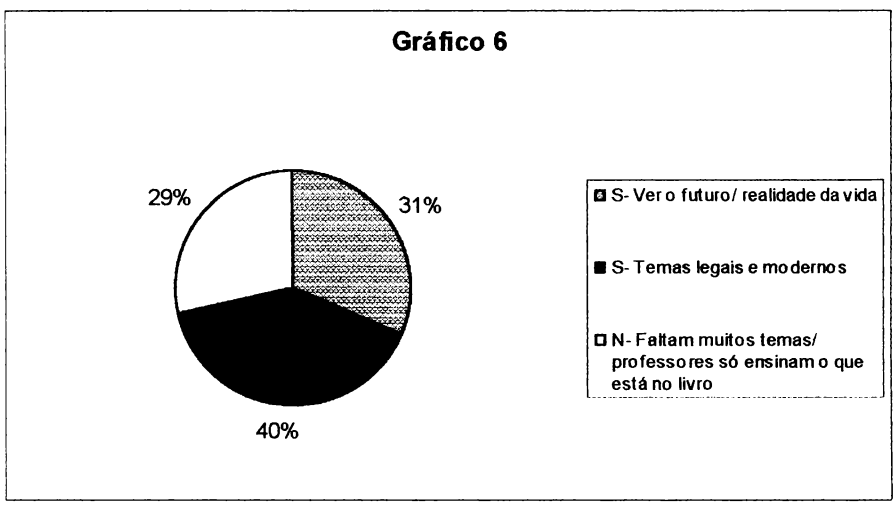


Gráfico 5: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 3.

Gráfico 6: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 3.

Obtiveram maior número as respostas positivas (72%), somando 48 alunos. Destas respostas, 11 estudantes (31%) relataram que os temas trabalhados "auxiliam a ver o futuro", com também "mostram a realidade da vida" e 14 (40%) gostam dos temas por serem "legais e modernos". De acordo com Silvia (2005), ao interesse relaciona-se a busca de informações para a ampliação do conhecimento e de habilidades.

Entre as respostas negativas (28%), dadas por 16 alunos, 10 estudantes (29%) escrevem que faltam temas a serem trabalhados, como por exemplo, educação sexual, visto que muitos professores só ensinam o que está no livro didático, não trabalhando com o que eles pensam. Conforme anteriormente discutido, é importante que os educadores façam uso de elementos que sejam motivadores e tenham significado para os estudantes, incluindo momentos de discussão, interagindo com a realidade dos alunos, como coloca Libâneo (2001), e que não se prendam apenas ao livro didático, que, muitas vezes, não condiz com a realidade da clientela atendida.

Questão 4 - Quais são as atividades escolares mais importantes para você? Por que?

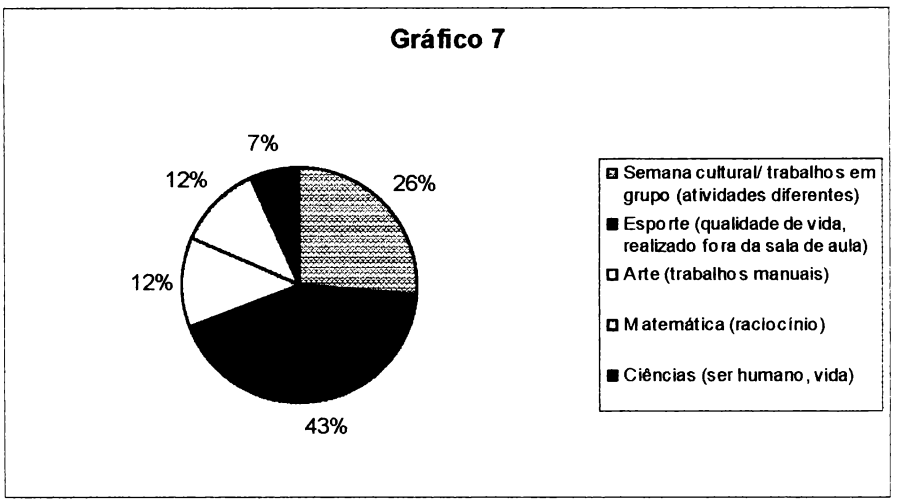
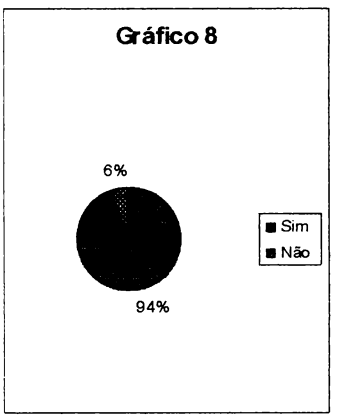


Gráfico 7: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 4.

A semana cultural foi considerada por 24 alunos (26%) como um momento onde se pode "trabalhar em grupo" e "se conhecer melhor", desenvolvendo atividades diferentes com explicação de trabalhos, filmes, músicas. Essa semana parece ser uma oportunidade para o exercício da criatividade e para o relacionamento entre os sujeitos do ambiente escolar. O esporte foi apontado por 39 alunos (43%) por "fazer bem à saúde", possibilitando "a qualidade de vida" e por ser "realizado fora da sala de aula". O ambiente externo é diferente e, quase sempre, mais descontraído, sendo uma possibilidade dos alunos gastarem energia. A arte com desenhos e com trabalhos manuais é considerada importante para 11 alunos (12%). Os trabalhos manuais despertam a criatividade e fogem da monotonia dos exercícios de cópia e escrita de muitas disciplinas. A matemática foi descrita por 11 estudantes (12%) como uma possibilidade para o desenvolvimento do raciocínio. Ciências, uma disciplina que trabalha com o ser humano e que "fala sobre a vida", foi a resposta de 06 alunos (7%). Para Sudbrack (2004), as competências que os adolescentes possuem representam um potencial imenso a ser canalizado pela escola.

Questão 5 - Quando você se sente capaz de realizar uma atividade ela se torna mais interessante? Por que?



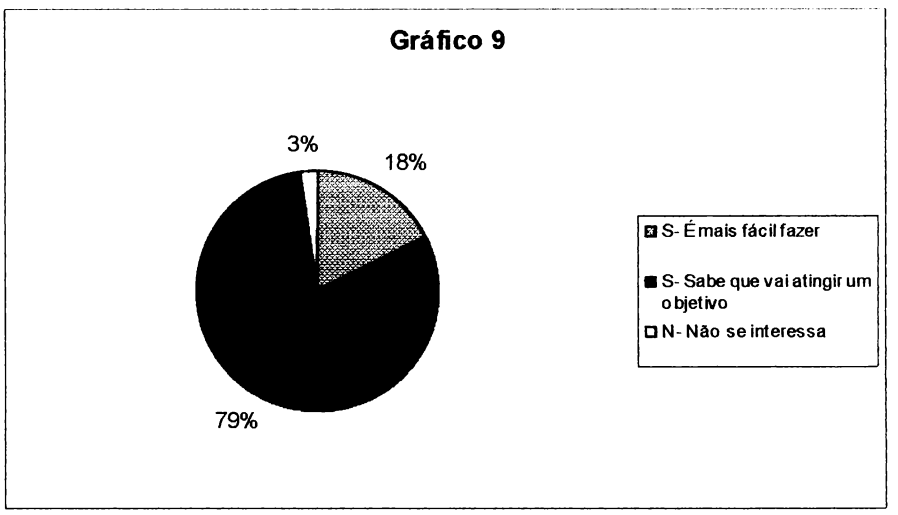


Gráfico 8: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 5.

Gráfico 9: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 5.

Quase a totalidade dos alunos (94%), o que corresponde a 63 alunos, respondeu de forma positiva a essa questão. 07 deles (18%) argumentam que com competência é "mais fácil fazer a atividade". Outros 32 alunos (79%) expressam que, quando se sentem capazes, sabem que podem atingir o objetivo proposto. Como afirma Silvia (2005), quando um aluno percebe que obterá sucesso em uma tarefa, demonstra maior interesse em realizá-la, mobilizando recursos para enfrentá-la. Dessa forma, as habilidades que possui vão ser mobilizadas para lidar com a atividade de maneira bem sucedida.

Apenas 6% dos alunos responderam de forma negativa a essa questão, o equivalente a 04 estudantes, sendo que destes somente 01 aluno (3%) justificou sua resposta, afirmando não se interessar pelas atividades propostas pela escola.

Questão 6 - Qual a importância do estudo para você? Por que?

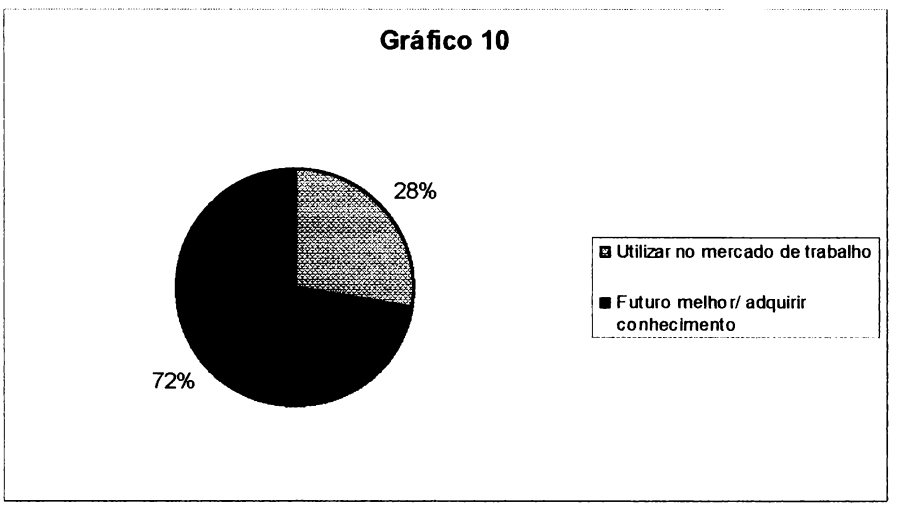
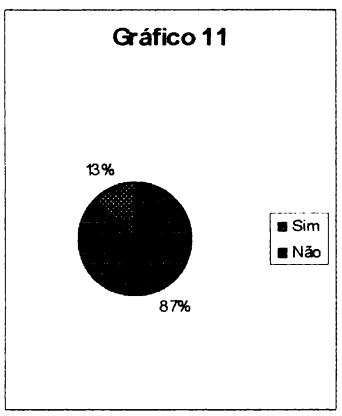


Gráfico 10: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 6.

O estudo é considerado importante para ser utilizado no mercado de trabalho, como afirmam 20 alunos (28%). Já 52 alunos (72%) acreditam que o estudo é "importante para o futuro", possibilitando "uma vida melhor", tornando-o um "bom cidadão", ampliando o seu conhecimento. O que se observa é que muitos dos participantes demonstraram acreditar que é por meio da escola que se torna possível a conquista de seus objetivos profissionais e sociais. Eles depositam na escola a expectativa por uma vida melhor. As percepções dos alunos dessa amostra parecem não coincidir com as idéias de Souza, R. M (2003) quando esta autora afirma que, devido à situação crítica do país, a aquisição de conhecimentos pode tornar-se uma incógnita para os alunos e perder o seu potencial motivador. Ao contrário, a maioria parece ainda acreditar que, através da escola, é possível conquistar seus ideais e, possivelmente, modificar a situação do país.

Questão 7 - Os conhecimentos e a experiência que você possui são relacionados ao processo de ensino-aprendizagem? Por que?



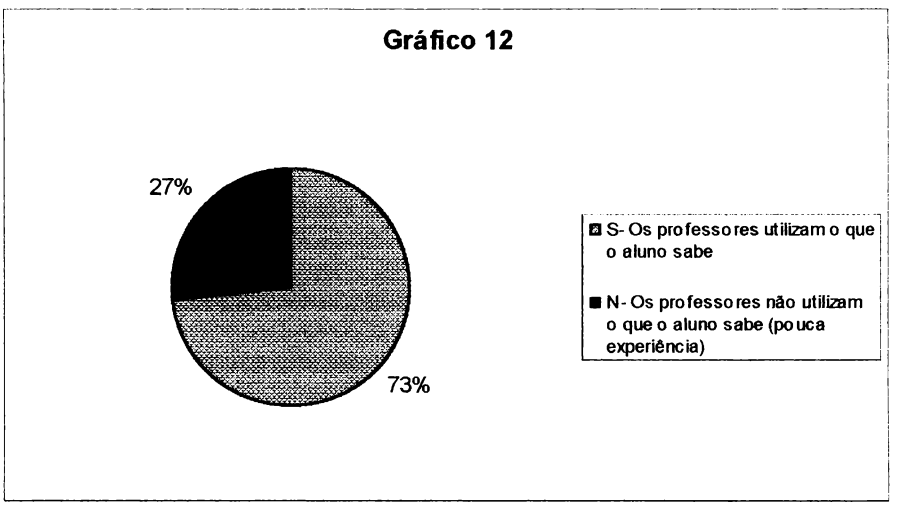


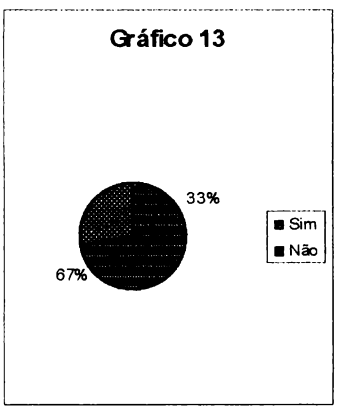
Gráfico 11: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 7.

Gráfico 12: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 7.

As respostas positivas se encontram em maior número (87%), representando 58 alunos. Destes, 11 estudantes (73%) responderam que o que eles sabem, a sua experiência fora da escola são de alguma forma relacionados ao processo de ensino-aprendizagem no contexto diário. Nota-se que, de acordo com os alunos desta amostra, os professores procuram relacionar o conhecimento do aluno e a sua experiência com as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, não deixando, por esse motivo, de cumprir com o currículo proposto, como coloca Snyders (1988).

Das respostas negativas (13%), demarcando 09 estudantes, 04 alunos (27%) afirmaram que os professores não exploram o conhecimento dos educandos e, também, que estes possuem pouca experiência para ser utilizada durante o aprendizado, o que vem ao encontro das idéias de Corti, Freitas e Sposito (2001).

Questão 8 - Você participa de algumas decisões na escola (avaliação, conselho de classe, elaboração de eventos)? Por que?



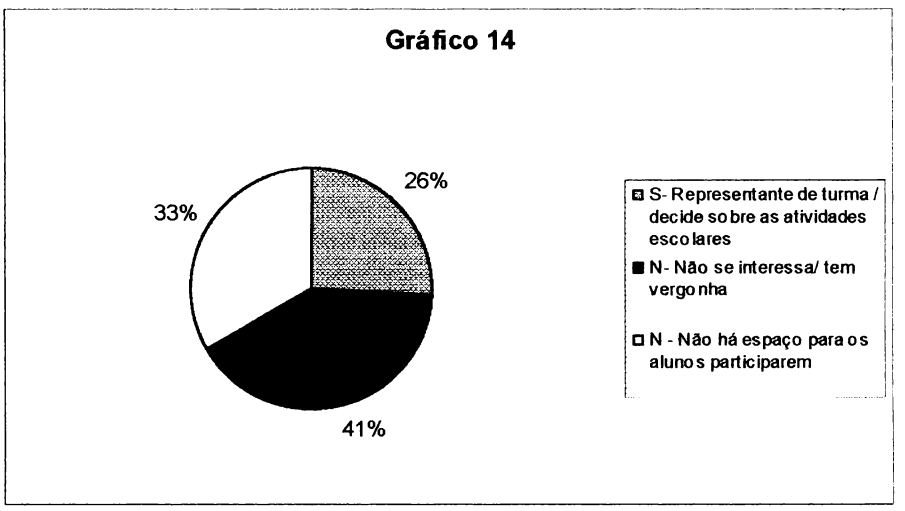
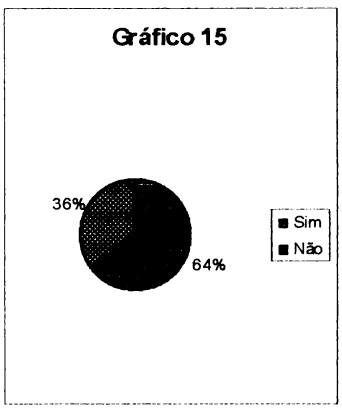


Gráfico 13: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 8.

Gráfico 14: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 8.

A grande maioria dos alunos (67%), o que representa 45 discentes, não participa das decisões na escola. Deste número de respostas, 11 estudantes (41%) não se interessam em participar de tais decisões por "sentir vergonha", enquanto 09 (33%) relatam que não lhes é concedido espaço para decidirem sobre as atividades escolares. Dos alunos que responderam afirmativamente (33%), o equivalente a 22 discentes, 07 (26%) decidem sobre o andamento das atividades escolares, participando delas porque são representantes de turma. Torna-se importante que os alunos participem de algumas decisões na escola, mesmo não sendo representantes de turma, pois de acordo com Cury (2003), os educandos são donos de seus pensamentos e emoções, podendo gerenciá-los. Também é relevante lembrar que, em ultima análise, é para eles que a educação se destina.

Questão 9 - Você se sente acolhido na escola? Por que?



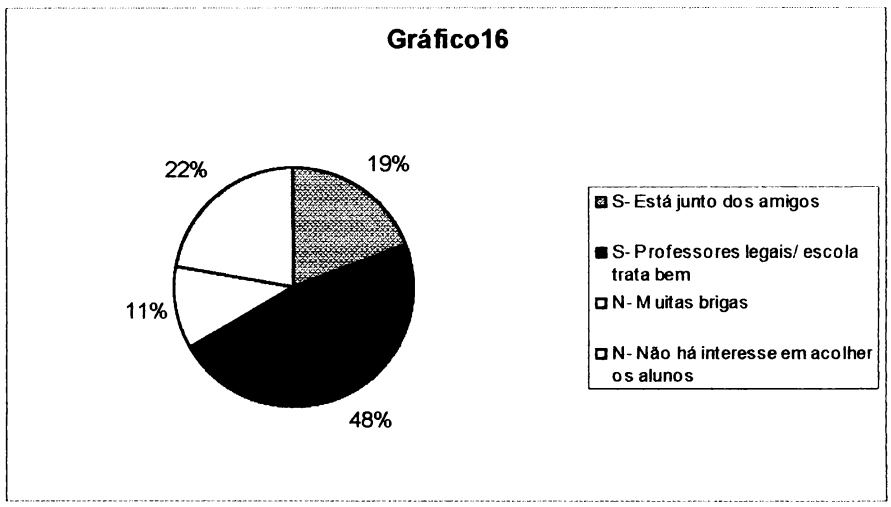


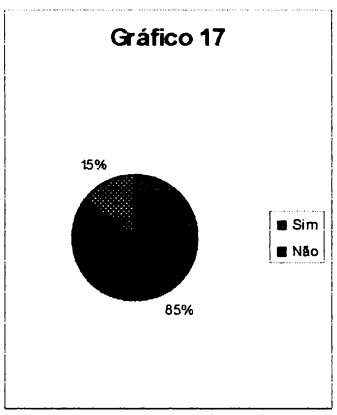
Gráfico 15: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 9.

Gráfico 16: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 9.

Os estudantes, em sua maioria (64%, o que corresponde a 43 alunos), se sentem acolhidos na escola. "Estar junto dos amigos" é considerado, para 07 alunos (19%), um aspecto importante. Os professores serem "legais" e a escola "tratar bem" são fatores que contribuem para o acolhimento, na visão de 17 estudantes (48%).

As respostas negativas foram apresentadas por 36% dos estudantes, mas somente 15% justificaram sua resposta, o equivalente a 10 alunos. Entre os aspectos negativos apresentados, destaca-se para 09 alunos (11%) as brigas, enquanto 08 estudantes (22%) relatam que a escola não demonstra interesse em acolher os alunos. A escola é um espaço importante para a socialização, um ambiente para o trabalho em conjunto, para a troca de experiências entre professores e alunos, conforme Snyders (1988). Percebe-se assim que um ambiente acolhedor, satisfatório, possibilita o crescimento intelectual e afetivo. Lamentavelmente, cerca de um terço da amostra não percebe o ambiente de sua escola como acolhedor.

Questão 10 - Você se relaciona bem com os seus professores? Por que?



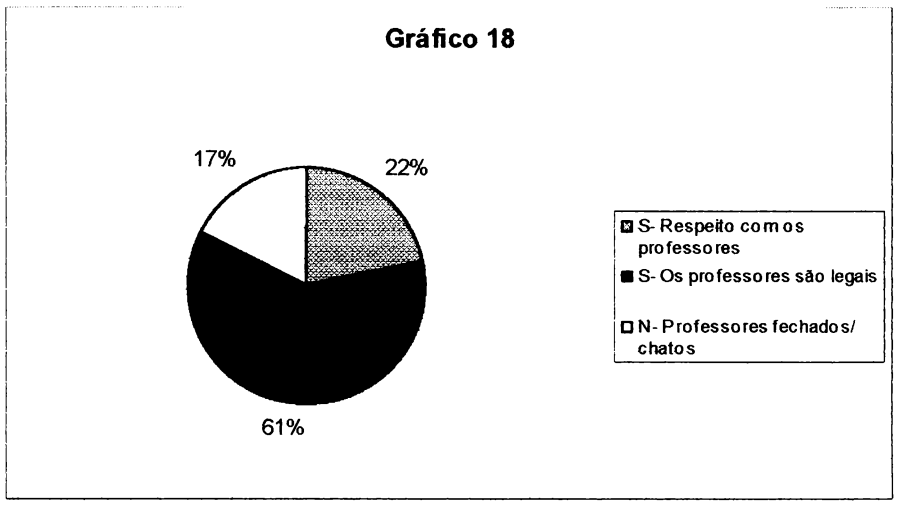


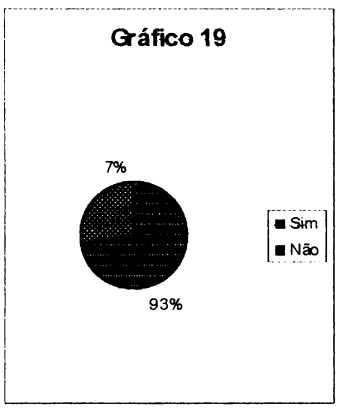
Gráfico 17: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 10.

Gráfico 18: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 10.

Responderam afirmativamente 85% dos alunos, somando 56 estudantes. O bom relacionamento está associado, para 05 alunos (22%), ao respeito que se deve ter para com os docentes. Para os demais alunos que justificaram a questão (61% ou 14 alunos), os professores serem "legais" contribui para o bom relacionamento. 10 alunos (15% da amostra) não se relacionam bem com os docentes. Os professores "fechados e chatos" são, para 04 alunos (17%), a causa do mau relacionamento entre eles.

A relação entre professor e alunos interfere profundamente no processo pedagógico. Pode-se dizer que o modo de agir de um professor interfere no do aluno, segundo Porfírio (2004), e que o docente desempenha um papel muito importante na formação dos estudantes. Por isso cabe a cada educador realizar uma reflexão constante sobre a sua prática educativa, uma vez que trabalhamos com sujeitos em formação, com adolescentes em processo de construção de sua identidade.

Questão 11 - O bom relacionamento entre professores e alunos contribui para o interesse nas atividades escolares? Por que?



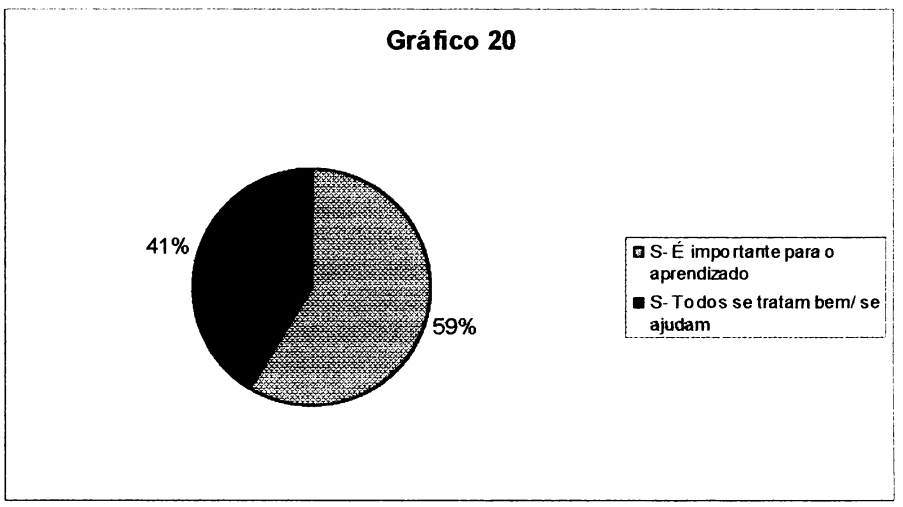


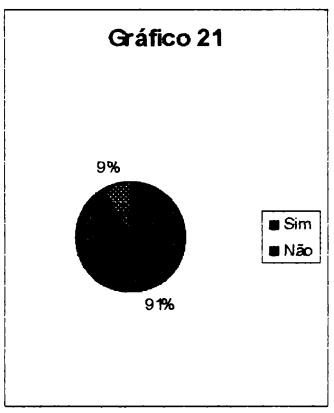
Gráfico 19: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 11.

Gráfico 20: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 11.

Na visão da grande maioria (93%) dos alunos, o que corresponde a 62 educandos, o bom relacionamento é importante para o interesse. Para 20 estudantes (59%), relacionar-se bem com o professor é relevante para o aprendizado, pois por meio dele é possível entender melhor as atividades ensinadas pelo professor. 14 alunos (41%) percebem que por meio de um bom relacionamento é possível receber auxílio do professor na realização das atividades. 09 alunos responderam negativamente (13%), embora não tenham justificado a resposta.

Para Porfírio (2004), a ligação afetiva entre professores e alunos é um fator de grande relevância para o interesse nas atividades escolares, pois uma boa comunicação afetiva possibilita um bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, contribuindo para despertar a motivação dos alunos.

Questão 12 - A escola é um bom espaço para a convivência entre amigos? Por que?



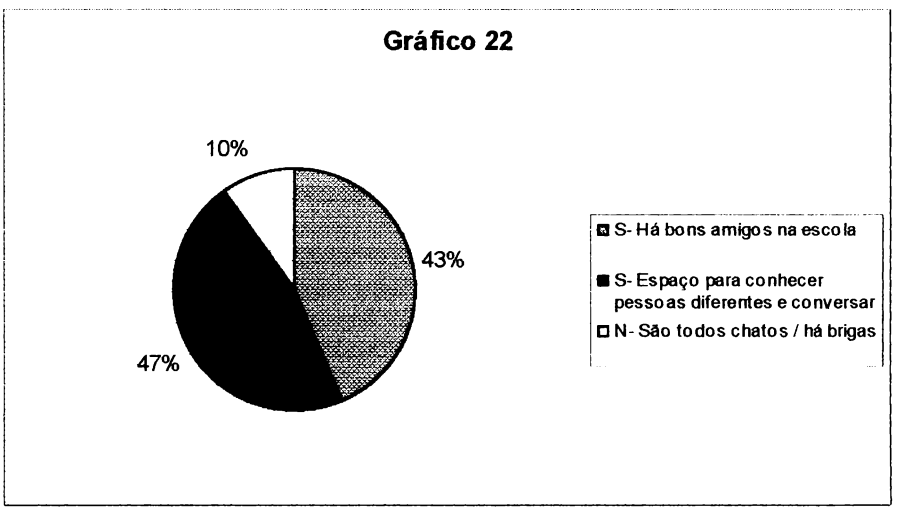
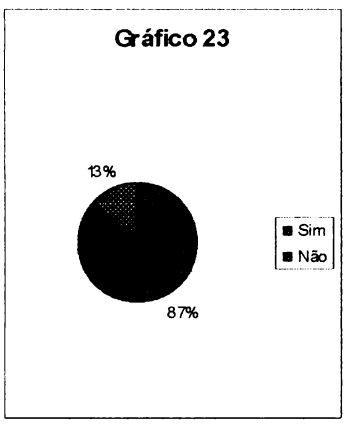


Gráfico 21: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 12.

Gráfico 22: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 12.

Observa-se que de acordo com a percepção de 91% dos estudantes, correspondendo a 61 alunos, a escola é um espaço propício para o relacionamento entre amigos. Dos discentes que justificaram sua resposta, 43% (13 alunos) afirmaram que possuem bons amigos na escola e 47% (14) afirmam que o ambiente escolar é um bom espaço para conhecer pessoas diferentes e conversar. Responderam negativamente 06 alunos (09%). Destas respostas, 03 educandos (10%) apontam que a escola não é um bom espaço de interação, pois os colegas são "chatos" e existem brigas entre os alunos. Na escola muitos adolescentes encontram boas amizades e podem se relacionar com o grupo de amigos, com uma cultura de grupo, conforme Snyders (1988), tornando possível a troca de experiências entre indivíduos iguais.

Questão 13 - A disciplina em sala de aula depende do nível de interesse que as atividades desenvolvidas despertam nos alunos?



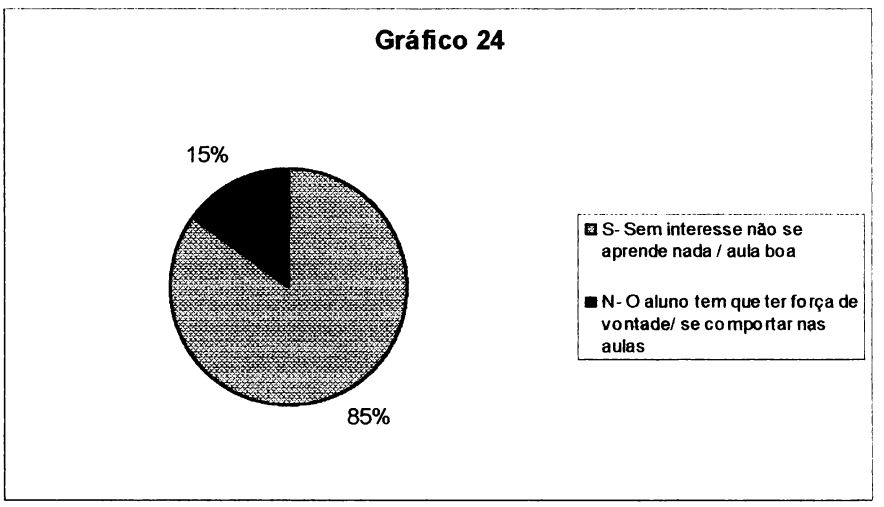


Gráfico 23: Gráfico representativo da distribuição das respostas "sim" e "não" à questão 13.

Gráfico 24: Gráfico representativo das categorias apresentadas pelos alunos em resposta à questão 13.

A maioria dos alunos respondeu afirmativamente a essa questão (87%), totalizando 58 estudantes. A disciplina e o aprendizado, para estes alunos, está atrelado ao interesse, pois "sem interesse não se aprende nada", com também a "uma boa aula", como afirmam 17 alunos (85%) que justificaram a resposta. 09 alunos (13%) responderam negativamente e 03 estudantes (15%) acreditam que a disciplina está relacionada a sua própria força de vontade em querer aprender e ao bom comportamento que o aluno deve ter, independentemente das atividades desenvolvidas em sala. Para Zacharias (2006), a disciplina em sala de aula está relacionada a um hábito interno que permite a cada pessoa cumprir com suas obrigações, mas também às atividades desenvolvidas de forma interessante durante a aula, com afirma Aquino (1998). Necessário se faz, então, que as aulas ministradas pelos professores sejam diversificadas sempre que possível, procurando despertar-lhes o interesse e envolver os alunos nas tarefas diárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que, de acordo com as respostas ao instrumento aplicado, a maioria dos alunos se interessa pelas atividades escolares. No caso da presente amostra, e baseando-nos nas percepções manifestadas pelos alunos, os comentários dos professores quanto aos estudantes se mostrarem desinteressados em aprender parece não se aplicar. A escola parece ser um lugar atrativo para grande parte dos estudantes que responderam ao questionário, se apresentando como um espaço onde é possível ampliar o conhecimento para utilizá-lo em sua rotina diária (em casa, no trabalho). Segundo Perrenoud (1999), as intervenções externas ao indivíduo precisam ser percebidas, interpretadas e assimiladas por ele. Ao processo de aprendizagem relacionam-se os motivos pelos quais o sujeito busca aprender e a intencionalidade da ação educativa e isso parece, ao menos em parte, estar acontecendo no caso dos sujeitos pesquisados.

As atividades desenvolvidas pela escola, bem como os temas trabalhados estão, de maneira geral, relacionados ao interesse dos alunos, sendo percebidos por muitos deles como atividades que possibilitam ampliar a sua visão do futuro, sendo relacionados à modernidade. As atividades diferentes, como por exemplo, a semana cultural, possibilita a grande parte dos alunos o relacionamento com colegas e professores e o desenvolvimento de trabalhos com o exercício da criatividade. Estas atividades precisam ser exploradas no dia-a-dia escolar, pois de acordo com Wadsworth (1997), educadores autônomos e criativos podem buscar meios que possibilitem aos estudantes irem em busca de seus próprios interesses, como também alcançarem os objetivos escolares.

Ao interesse está claramente relacionada a capacidade de realizar uma atividade, como foi constatado nas respostas. A partir do momento em que o aluno se sente capaz de realizar uma atividade ela se torna mais fácil, tornando-se possível

atingir o objetivo proposto. Silvia (2005), baseado em seus próprios experimentos e em autores que estudam as percepções de controle e de auto-eficácia, explica que o controle de uma situação vai depender da estimativa que o individuo faz dos recursos pessoais que possui (percepções de competência), possibilitando a ele lidar de forma bem sucedida com uma dada atividade, enfrentando as dificuldades existentes no caminho.

Na visão de da maior parte dos educandos, os docentes buscam relacionar os conhecimentos dos alunos e a experiência que os mesmos possuem ao processo de ensino-aprendizagem. O que se pode observar é que não há um desencontro tão gritante entre o mundo adolescente e o da escola para uma grande maioria de estudantes que participaram da pesquisa, visto que, segundo os alunos, a escola é um local onde é possível aprender muitas coisas, enriquecendo o lado cultural e social. Neste caso, a desmotivação em relação aos estudos no período adolescente, como descreve Sudbrack (2004), parece se aplicar apenas a uma parte menor do grupo. A convivência com os amigos, embora aspecto de grande importância, especialmente nessa fase, não parece desviar drasticamente o estudante de sua escolarização.

O que ainda não parece ser uma prática constante no ambiente escolar, de acordo com as respostas obtidas, é a participação discente em algumas decisões (avaliação, conselho de classe, elaboração de eventos), a não ser que o aluno seja um representante de turma. Tal situação acontece, segundo os alunos, devido a fatores que provêm tanto dos próprios estudantes, isto é, o próprio desinteresse, e algumas vezes a vergonha de se expressar, como também da instituição escolar, que parece não incentivar ou conceder abertura de espaço para uma participação maior dos discentes no que diz respeito às decisões. A participação dos alunos é relevante no cotidiano das decisões escolares e, conforme Snyders (1988), é importante que os professores estejam abertos ao diálogo e à troca de experiências, para que não haja autoritarismo. O educando é um ser social, criativo, que interatua com o conhecimento e não apenas o "incorpora", como afirma Vasconcelos (1995).

O bom relacionamento entre educadores e educandos contribui para o interesse nas atividades desenvolvidas pela escola, como afirma a quase totalidade dos alunos. Tal constatação responde a mais um dos objetivos propostos por esse trabalho. O acolhimento do aluno parece acontecer, em certa medida, porém algum trabalho poderia ser pensado no sentido de ampliar esse acolhimento, de forma que todos os estudantes se percebessem acolhidos pela escola.

A escola se apresenta como um bom espaço para se conhecer e fazer amigos. Na educação escolar não deve haver a divisão do estudante em uma metade cognitiva e a outra afetiva, como é muito comum acontecer, de acordo com Vasconcelos (2004). O ser humano possui a necessidade de um desenvolvimento afetivo para atingir o conhecimento, como descreve Snyders (1988), tanto no plano intra-individual, como no inter-individual.

Como demonstram os discentes em suas respostas, o interesse que as atividades desenvolvidas em sala despertam nos alunos está fortemente ligado à disciplina. A sala de aula é um espaço onde se constrói a disciplina escolar, sem deixar de explorar a curiosidade e a imaginação que os adolescentes possuem, segundo Aquino (1998). É interessante notar que, na concepção de muitos professores a disciplina deve ser um requisito para o desenvolvimento de atividades em classe, vindo, o interesse e a aprendizagem em decorrência disso. Já na visão dos estudantes pesquisados, ao contrário, a apresentação de atividades interessantes é que permite a disciplina, sendo que apenas uma parcela muito pequena de estudantes corrobora aquela perspectiva tradicional de disciplina. Essa observação nos conduz à percepção de que os seres humanos têm, como ocorre em muitos setores da nossa vida, uma tendência a atribuir sempre ao "outro" a necessidade de dar o primeiro passo em direção a obtenção de algo produtivo.

Também houve respostas negativas para cada tema abordado acima, embora em menor número na quase totalidade das perguntas. Apesar disso, estas também merecem atenção para que os problemas que se encontram no meio escolar como a falta de acolhimento, o mau relacionamento entre professores e alunos e entre os

estudantes e seus colegas, e a presença de atividades desinteressantes, que não têm ligação com a realidade do aluno, possam ser sanados em conjunto na instituição escolar. Como salienta Freire:

> Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência, nem de forma grosseira nem farisaica. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza (FREIRE, 1996, p.106).

Estas palavras de Freire são essenciais para que todos os envolvidos com a educação escolar possam refletir sobre a sua prática educativa, reconhecendo o que ela exige de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.181-204, jul / 1998.

ARANTES, Valéria Amorim, **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação.** Disponível em: http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm#_ftn2. Acesso em: 20 out. 2006.

ATALAIA, Lucinda. **Duas Visões sobre a Disciplina na Escola: Vale a pena falar de disciplina e de autoridade?** Grande Reportagem. Disponível em: pascal.iseg.utl.pt/~ncrato/Recortes/GrandeReportagem_200209.htm - 8k. Acesso em: 01 jan. 2007.

BALLONE, GJ – **Adolescência e Puberdade,** in: PsiqWeb. Disponível em http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/adoelesc1.html. Acesso em 10 out 2006.

BORUCHOVICH, Evely e GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. **A Motivação dos estudantes**: **Podemos vencer esse desafio?** Disponível em: http://www.pedagobrasil.com.br/psicologia/amotivacao.htm. Acesso em: 17 out 2006.

COLOMBO, Irineu; MICHELETI, Nedson. **LDB 9394/96: As Novas Diretrizes da Educação Básica**. 2. ed. Curitiba: Impressão: Reproset. Trabalho publicado pelos gabinetes dos deputados Irineu Colombo e Nedson Micheleti.

CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virgínia; SPOSITO, Marilia Pontes. **O encontro das culturas juvenis com a escola.** São Paulo: Ação Educativa, 2001.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990**. Disponível em: http//www.planauto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm_139k.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOOS, Helga. **Atitude e Desempenho em Matemática, Crenças Auto-Referenciadas e Família: Uma *Path-Analysis*.** Tese de Doutorado em Educação - Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação. Universidade Estadual de Campinas, 305 p., defesa em 25 de junho de 2003, Campinas/SP.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 14. ed. São Paulo:Cortez, 2002.

MELLO, Suely Amaral. **Algumas contribuições da escola de Vygotsky para a compreensão dos problemas de indisciplina na escola**. Disponível em: http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2002/algumascontribuicoes.pdf. Acesso em: 17 jan 2007.

NAGEL, Lizia Helena. Educação & Ensino: Por quê? Para quê? **CESUMAR.** Texto elaborado para a Semana de Matemática na Faculdade de Mandaguari. Paraná, p. 01-11, ago/ 2005.

NASSIF, L.E. & CAMPOS, R.H.F. **Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional**. Memorandum, *9,* Disponível em : http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos01.htm. Acesso em: 17 out 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIAGET, Jean, INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PORFIRIO, Gerusa C. S. **Afetividade ou desinteresse pelos estudos?** Disponível em: http://www.facosfacad.com.br/ped/lista2004/12.doc. Acesso em: 20 out 2006.

PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 108-115, jan / 2005.

REY, Fernando L. González. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotsky. **Educação & Sociedade,** ano XXI, nº70, p. 132-148, abr/ 2000.

SILVIA, Paul. J. What is Interesting? Exploring the Appraisal Structure of Interest. (O que é interessante? Explorando a estrutura avaliativa do interesse - tradução da Profª Helga Loos - Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação – UFPR). **Emotion,** Carolina do Norte, nº1, vol 5, p. 89-102, 2005.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole Ltda, 1988.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003, p.53-70.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. **O papel da família e da escola na formação do adolescente,** Tve-Brasil. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2004/dad/tetxt2.htm. Acesso em: 18 out 2006.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995, p-42-52.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 616-620, Mai/ 2004.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara F. **Convivência e disciplina na Escola, jun/ 2006. Disponível em:** http://www.centrorefeducacional.pro.br/discipli.htm. Acesso em 27 Out 2006.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade na teoria de Piaget**. (Tradução de Esmeria Rovai; supervisão editorial Maria Regina Maluf) 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997, p.154-184.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

Caro aluno(a), ao responder esse questionário, você estará contribuindo para o desenvolvimento de um trabalho em nível de especialização, sobre o interesse dos estudantes nas atividades escolares.

1) A escola é atrativa para você?
( ) sim ( ) não

Por que?

_____
_____
_____

2) O conhecimento adquirido na escola tem ligação com a sua realidade?
( ) sim ( ) não

Por que?

_____
_____
_____

3) A escola trabalha com temas atuais, relacionados ao seu interesse?
( ) sim ( ) não

Por que?

_____
_____
_____

4) Quais são as atividades escolares mais interessantes para você? Por que?

_____
_____
_____

5) Quando você se sente capaz de realizar uma atividade ela se torna mais interessante?

( ) sim ( ) não

Por que?

_____

6) Qual a importância do estudo para você?

Por que?

7) Os conhecimentos e a experiência que você possui são relacionados ao processo de ensino-aprendizagem?
( ) sim ( ) não

Por que?

8) Você participa de algumas decisões na escola (avaliação, conselho de classe, elaboração de eventos)?

( ) sim ( ) não

Por que?

9) Você se sente acolhido na escola?
( ) sim ( ) não

Por que?

10) Você se relaciona bem com os seus professores?
( ) sim ( ) não

Por que?

11) O bom relacionamento entre professores e alunos contribui para o interesse nas atividades escolares?

( ) sim ( ) não

Por que?

_____

_____

_____

12) A escola é um bom espaço para a convivência entre amigos?

( ) sim ( ) não

Por que?

_____

_____

_____

13) A disciplina em sala de aula depende do nível de interesse que as atividades desenvolvidas despertam nos alunos?

( ) sim ( ) não

Por que?

_____

_____

_____

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!